

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE ARTES VISUAIS**

**Dayse Hudson de Oliveira Lamas**

**Intervenção Caixa-Preta ‘unidade de memória de voo’ poética e sensibilidade dos  
alunos do 7º ano e professores de escola particular de Juiz de Fora- MG**

**Juiz de Fora  
2019**

**Dayse Hudson de Oliveira Lamas**

**Intervenção Caixa-Preta ‘unidade de memória de voo’ poética e sensibilidade dos  
alunos do 7º ano e professores de escola particular de Juiz de Fora- MG**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado a Faculdade de Educação, da  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
como requisito parcial à obtenção do  
título de Especialista em Ensino de Artes  
Visuais.

Orientadora Profa Ma Ana Paula Chaves Mello

**Juiz de Fora**

**2019**

## AGRADECIMENTOS

Para Juliana Cantoni, pelas asas!

Para Ana Paula Chaves Mello, incansável!

Para os mentores deste curso que nos deu a oportunidade de rever práticas e criar novas situações de ensino - aprendizagem.

Para todos os professores e tutores – amorosos, competentes, desafiadores e criativos.

Para os colegas ‘tão presentes’, apesar da virtualidade.

Para os alunos, colegas professores e funcionários (Colégio Cristo Redentor-Academia de Comércio, Juiz de Fora MG), que colaboraram com a pesquisa.

Para minha irmã Luzia pela indicação do curso, revisão e formatação do trabalho.

Para a família, com carinho!

# Era Manoel

Que segundo seu irmão  
numa disfunção lírico-afetiva

Lambuzou-se  
**de Barros**  
de terras

Que para encontrar o azul  
usou pássaros

...e amarrou o tempo  
no poste!

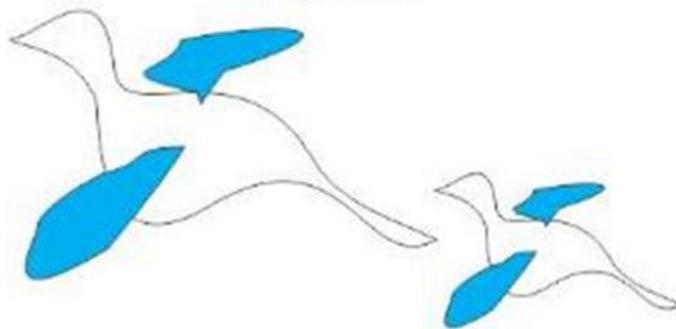


Figura 1- Poesia e desenho digital inspirados em Manoel de Barros - autoria Dayse Lamas

Desejo a todos muitas “disfunções lírico-afetivas”

(Pinçado de Manoel de Barros)

## RESUMO

Este trabalho apresenta considerações sobre como um grupo de alunos e professores de escola particular em Juiz de Fora, MG se relaciona com a arte. Mostra o resultado de pesquisa baseada na metodologia artográfica sobre o mapeamento de hábitos tais como frequentar museus e exposições, conversar sobre arte. A Pesquisa artográfica, por ser baseada em arte mostrou-se ideal para este trabalho pois a prática do educador e do artista são locais de investigação. Traz opiniões pessoais de alunos e professores sobre obras de arte e sobre as ações criativas que partiram de intervenção proposta pela professora. A intervenção baseou-se no contato com algumas propostas da arte contemporânea. Intervenção em artes têm múltiplos significados. Pode ocorrer inclusive, de maneira ilícita. Neste trabalho penso que ela seja uma forma de promover o trânsito de novas ideias sobre as expressões artísticas na escola, envolvendo pessoas num processo de criação que certamente trará conhecimentos, além de causar um movimento, de chamar à atenção dando visibilidade à disciplina. No registro das produções artísticas dos grupos constatamos a importância de ações educativas pautadas na arte que promovem a criatividade, a sensibilidade e suas poéticas, o livre pensar, a autonomia para o 'estar no mundo', refletindo e agindo sobre ele. Como referenciais teóricos o pensamento de autores como Rita Irwin, Rafael Werner Lopes, Jorge Larossa, Suzana Rangel Vieira da Cunha, Gombrich, Belting, Fischer, Ana Mae Barbosa. O pensamento dos autores traz um embasamento teórico importante para as considerações propostas e desenvolvidas ao longo desta pesquisa.

**Palavras-chave:** pesquisa artográfica arte contemporânea caixa-preta

## LISTA DE FIGURAS

**FIGURA 1** Poesia e desenho digital inspirados em Manoel de Barros

**FIGURA 2** Fotografia de sala de aula durante intervenção com elemento-avião-do Livro de Artista

**FIGURA 3** Caravaggio, Ceia em Emaús, 1600-1601. Óleo sobre tela, 138 cm x 195 cm. Londres (Reino Unido). Galeria Nacional. Projeto Radix, 7º ano, p. 55

**FIGURA 4** Tarsila do Amaral, São Paulo, 1925. Óleo sobre tela, 67cm x 90 cm. Brasil, Pinacoteca do Estado de São Paulo (SP). Projeto Radix 9º ano, p. 112

**FIGURA 5** Damien Hirst, Este porquinho foi ao mercado, este porquinho ficou em casa, 1999. Exposição Sensation, Londres, Royal Academy of Art. Projeto Radix 9º ano p. 142

**FIGURA 6** Interior da sala ambiente de Artes preparada para sensibilizar os alunos-SENTIR

**FIGURA 7** Alunos em momento de apreciação e análise de imagens-PENSAR

**FIGURA 8** Alunos respondendo aos questionários-AGIR

**FIGURA 9** Objeto criado por mim fazendo alusão à caixa-preta dos aviões

**FIGURA 10** Interior da caixa-preta com os elementos do Livro de Artista

**FIGURA 11** Momento de abertura da caixa-preta

**FIGURA 12** Professores em ação, criando

**FIGURA 13** Composição do grupo de professores:" Na vida somos crucificados por nossas ações e escolhas. Temos que ser leves para alçar voo rumo à luz!

**FIGURA 14** Detalhe de composição de alunos

**FIGURA 15** Composição de alunos- " Nunca sejam influenciados pela violência. Tenha a capacidade de amar. Suicídio é crime, #pense antes de agir. As pessoas a cada dia morrem de fome. A vida é longa! Viva ela! Amor e paz é o que precisam

**FIGURA 16** Composição de alunos: "Até um pássaro me contou que você também me amava...fiquei doida por você, com um parafuso a menos. Quando te vi meus pensamentos voaram, fiquei até sem fome"

**FIGURA 17** Composição de alunos: " Depressão- a pessoa fica para baixo, não trabalham nem estudam, não comem, não fazem atividades prazerosas, se matam!"

**FIGURA 18** Composição de alunos: Enquanto uns têm privilégios outros tem pouco. A rua é minha morada."

**FIGURA 19** Composição de alunos: "Construa alegria!!! Viva!!! Seja as asas da liberdade. A vida é alegria, voar sem sair do lugar"

**FIGURA 20** Composição de alunos: " Depois de um acidente com avião morrem 10 pessoas. Sobraram 5. Os 5 restantes passaram fome e comeram os mortos. Não mate pessoas por fome! Canibalismo não.

**FIGURA 21** Apresentação do 'livro de Artista'

**FIGURA 22** Alunos durante a apresentação do livro de artista

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	
<b>I MINHA FORMAÇÃO, INTENÇÃO DA PESQUISA E A AULA DE ARTE</b>	<b>12</b>
1.1 Apresentação pessoal e formação acadêmica	12
1.2 Arte contemporânea e a/r/tografia	13
1.3 Como se desenvolvem as aulas de arte	15
<b>II DESOBEDECENDO A LINGUAGEM</b>	<b>18</b>
2.1 Livro de artista	18
<b>III A INVESTIGAÇÃO: METODOLOGIA E RESULTADOS</b>	<b>22</b>
3.1 Pesquisa de campo e metodologia de pesquisa.	22
3.2 Respostas do questionário sobre o que é arte (alunos)	24
3.3 Resposta do questionário sobre o que é arte com professores	25
3.4 Resultados da pesquisa	25
3.5 O registro fotográfico de investigação	29
<b>IV A CAIXA-PRETA, A SENSIBILIDADE, A POÉTICA</b>	<b>30</b>
4.1 A caixa-preta é laranja (simbologias, metáforas)	31
4.2 Temas (professores)	32
4.3 Alunos	32
4.4 Memória de Voo – A produção artística dos alunos e professores	32
4.5 Complexidade potencialmente alta – O registro fotográfico das criações-composições (alunos e professores)	34
<b>V ALUNOS, PROFESSORES E O LIVRO DE ARTISTA</b>	<b>39</b>
5.1 Livro de Artista – apresentação e leitura para o grupo de alunos e professores	39
<b>VI A ARTE QUE NOS INTERPRETA</b>	<b>41</b>
6.1 Universal - O que dizemos de nós, da vida (conhecimento, autoconhecimento) através da criação artística	42
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>44</b>

## INTRODUÇÃO

### **Intervenção-Caixa preta: ‘Unidade de Memória de voo’- poética e sensibilidade dos alunos dos 7º anos A e B e professores de escola particular de Juiz de Fora, MG**



Figura 2- Fotografia de sala de aula durante intervenção com elemento-avião-do Livro de Artista. Foto: Dayse Lamas

Este trabalho é fruto de um ano e seis meses de estudos e de muita vontade de mostrar como a arte é grande aliada na educação. Nas palavras de Rafael Werner Lopes (2015, p. 127), “Penso que a tarefa de uma educação que se entrecruza com as artes deve voltar-se aos sentidos, ao indefinível, ao que escapa à dominação (...) uma retomada do pensar o possível e o impossível”, observo o entrecruzamento citado pelo autor e a partir das produções artísticas de um grupo de alunos e professores, convidados a participar deste trabalho, noto que os sentidos permearam estas produções. Ao tentarem resolver as questões que propus pela expressão artística, pensaram o possível e o impossível. Enquanto criavam elaboraram pensamentos, buscaram soluções estéticas, refletiram sobre a vida e sobre o mundo. Alguns grupos de alunos não conseguiram o intento. Tentaram de novo até alcançar um resultado que julgaram estar de acordo com o que pretendiam. A experimentação deixou em aberto para os estudantes, um leque de possibilidades de novos pensamentos, novas estratégias criativas. Estas últimas, desencadeavam-se à medida que o processo acontecia. Ao longo deste trabalho poderemos conferir estes pensamentos nos depoimentos dos participantes sobre o próprio processo criativo.

O capítulo I traz de forma sucinta, a apresentação pessoal e formação acadêmica da pesquisadora. Podemos encontrar também considerações sobre artografia, a

metodologia de pesquisa onde a prática do educador é o campo de investigação. E ainda uma explanação de como se desenvolvem as aulas de arte na escola aonde aconteceu a pesquisa e a intervenção artística.

No capítulo II podemos conferir o ‘Livro de Artista’, que inspirou a intervenção e que foi pautada nas concepções estéticas da arte contemporânea. ‘Desebedocendo a linguagem-Voar nas águas profundas do mar’ é uma narrativa visual cuja tônica está na desobediência da linguagem, baseada no pensamento de Carlos Scliar e produzida por mim durante este curso de pós-graduação.

A pesquisa de campo e a metodologia de pesquisa são descritas no capítulo III, assim como as opiniões sobre arte colhidas de alunos e professores e também os depoimentos sobre se visitam museus e exposições. Ainda neste capítulo apresentamos para os leitores os resultados da pesquisa e os registros fotográficos deste momento.

O capítulo IV trata da intervenção artística e o modo como ela aconteceu. Desde a concepção do material didático (o objeto caixa-preta), até o momento da ação-criação executada pelos grupos. O registro fotográfico nos permite visualizar as composições artísticas do grupo de alunos e professores.

O capítulo V discorre sobre a apresentação do ‘Livro de Artista’ aos alunos e professores e as conseqüentes reações observadas pela pesquisadora. Encerrando o trabalho, o capítulo VI nos fala sobre as impressões da observadas no trabalho prático de alunos e professores a partir da caixa preta. Nas considerações finais o depoimento da pesquisadora sobre os resultados da pesquisa baseada em arte e sua importância para o ensino-aprendizagem. Traz ainda opiniões sobre como o uso das tecnologias da informação pode agilizar os trabalhos de pesquisa.

O resultado desta imersão nos sentidos, desta retomada ao ato de pensar, poderá ser conferido nas páginas a seguir.

## I- MINHA FORMAÇÃO, INTENÇÃO DA PESQUISA E A AULA DE ARTE

### 1.1 Apresentação pessoal e formação acadêmica

Após alguns anos dando aula de artes na rede pública e particular, eu, Dayse Hudson de Oliveira Lamas, noto que não conversei com os meus alunos e colegas sobre os seus hábitos culturais e sobre o que pensam sobre arte, qual a sua função. É comum pensarmos a arte de uma maneira tradicional, onde representar de forma fidedigna os elementos da natureza é considerado o correto. Por isso percebemos o estranhamento em relação a outras maneiras de representação, como podemos ver no passado, com as linguagens da arte moderna (céus podem ter cores diferentes dos azuis, narizes podem não estar centralizados na face, como nas fragmentações do plano e na representação dos diversos ângulos numa mesma pintura, característicos do Cubismo) e atualmente com as linguagens subjetivas da arte contemporânea.

Na realidade, não penso que existam quaisquer razões erradas para se gostar de um quadro ou de uma escultura. Alguém pode gostar de uma paisagem porque ela lhe recorda o berço natal, ou de um retrato porque lhe lembra um amigo. Nada há de errado nisso, todos nós, quando vemos um quadro, estamos fadados a recordar mil e uma coisas que influenciam o nosso agrado ou desagrado. Na medida em que essas lembranças nos ajudam a fruir do que vemos, não temos por que nos preocupar. Somente quando alguma recordação irrelevante nos torna parciais e preconceituosos, quando instintivamente voltamos as costas para um quadro magnífico de uma cena alpina porque não gostamos de praticar o alpinismo, é que devemos perscrutar o nosso íntimo para desvendar as razões da aversão que estraga um prazer que de outro modo poderíamos ter (GOMBRICH, 1999, p.1)

A citação ilustra a minha relação com a arte contemporânea até o início deste curso de pós-graduação. Uma relação de estranhamento. A partir do momento em que vivenciei práticas semelhantes ao processo criativo de artistas contemporâneos, em que pude fruir de algumas obras desta modalidade de expressão percebo que houve uma mudança no meu ‘olhar’; uma aceitação a partir de uma experiência. Tanto é que a escolhi para desenvolver este trabalho. Questionei a mim mesma. Revi meus conceitos, como professora de artes, pois de certa forma, influencio os meus alunos. O Curso de Pós-Graduação em Ensino de Artes Visuais oferecido pela Universidade Federal de Juiz de Fora me apresentou considerações sobre a arte contemporânea e sobre a prática do professor-artista-pesquisador. Conhecimentos estes que até então não tinha informações

mais aprofundadas. A minha formação compreendeu a licenciatura e o bacharelado em Educação Artística, nesta mesma Universidade, onde também cursei a Pós-Graduação em Arte-Educação Infantil. Durante a graduação, fui monitora da disciplina História da Arte. Nesta época, década dos anos 1980 e 90 o curso de arte se dividia em Artes Plásticas e Desenho Técnico (mecânico, geométrico, arquitetônico, além da matemática). Recebia o nome de Desenho e Plástica. Houve uma reforma curricular e o curso passou a ser nomeado de Educação Artística. A ênfase do programa curricular se dava na História da Arte, Desenho Artístico e Industrial, Pintura, Cerâmica, Madeira e Técnicas de Expressão. Conhecimentos importantes para a minha vida profissional e pessoal.

Me considero ‘mais’ professora do que artista. Tive influências ligadas à arte desde a infância: cinema, canções de ninar, música popular pelo acordeom de minha tia, circo. Raras vezes fui a um espetáculo de dança. Essas influências traçaram o meu caminho profissional em direção à docência. De onde observei uma mudança radical no ensino das artes desde a época da minha graduação e da primeira pós-graduação.

De muitos modos, as pedagogias da arte vão absorvendo e validando as ideias sobre arte que se refazem historicamente. Por exemplo, os discursos sobre arte como símbolo de distinção social e sobre os artistas como seres de exceção são produzidos sistematicamente por nossa cultura e aceitos nos contextos escolares - da educação infantil ao ensino universitário - sem que haja contestação ou esforço analítico-crítico que provoque mudança significativa em termos de desmistificar a ideia de genialidade dos artistas. (CUNHA, 2008, p. 118)

Hoje, percebo a arte contemporânea como um divisor de águas na minha prática profissional e no campo das artes propriamente dita. Tal qual o modernismo esteve para a tradição clássica, desconstruindo alguns dogmas e teorias. Por isso, é importante a formação continuada dos professores para trazer frescor para as suas práticas.

## 1.2 Arte contemporânea e artografia

Pensando em como registrar as impressões e opiniões sobre arte com grupo de pessoas envolvidas neste trabalho, encontrei na artografia um bom método de pesquisa.

Artografia é uma forma de investigação PBA (Pesquisa Baseada em Arte) que abrange as práticas do artista (músico, poeta, dançarino, etc.), do educador (professor/aluno) e do pesquisador (investigador) (...). É aqui que a artografia se liga intimamente à pesquisa ação (...) desta forma, práticas de educadores e artistas se tornam locais de investigação (...) investigar é uma prática viva intimamente ligada à educação. (IRWIN, 2004 p.28).

Unindo artografia (que faz do meu campo de ação em sala de aula e na escola onde trabalho um espaço para investigação) e arte contemporânea, desenvolvi uma pesquisa com alunos do 7º ano e com um pequeno grupo de colegas professores, baseada em questionários, conversa informal e atividade prática. Intenciono saber como estes grupos da escola particular onde trabalho, se relacionam com a arte no seu dia a dia, o valor que dão a ela, e como a frequentam. Este ‘frequentar’ diz respeito a saber se vão a museus, espetáculos de dança e teatrais, concertos, entre outros. Se estão em contato com a arte de alguma outra maneira, como nos celulares, internet, cinema ou andando na rua.

Outra intenção é dar visibilidade à disciplina Arte dentro da escola (até quem sabe, com a função de uma possível formação de público para os eventos culturais) como facilitadora da aprendizagem e promotora do conhecimento, o que por si só desconstrói o senso comum de aulas de arte apenas como manualidades. Neste aspecto penso que a minha formação acadêmica que ligava a arte a regras de composição, às ideais de beleza, à genialidade tenha influenciado este questionamento.

Na graduação, embora estudando a arte erudita, tínhamos o modernismo transitando com ideias próximas à arte contemporânea, como no Dadaísmo e Marcel Duchamp com os seus objetos “ready made”, a arte conceitual com a Body Art e o uso do corpo como suporte, a Land Art com seu caráter de efemeridade. Mesmo assim desenvolvi inúmeras atividades onde o aluno basicamente fazia trabalhos manuais.

A arte está ligada de modo renitente a um artista que se expressa pessoalmente nela e a um observador que se deixa impressionar pessoalmente por ela. Assim, ela é secretamente rival da técnica, cujo sentido precípua consiste em que ela funciona ao ser usada e cujas informações, contudo dizem respeito não a um criador, mas a um usuário. (BELTING, 2012, p. 29)

Na prática docente apliquei elementos visuais e teóricos do que aprendi, como história da arte, desenhos de observação, práticas de desenho geométrico, técnicas de pintura e modelagem, análises formais e simbólicas de pinturas. Constatei que estacionei

no modernismo. O fazer artístico com os alunos era apenas uma atividade baseada nos mais renomados pintores e escultores da arte moderna.

O destino da modernidade do pós-guerra delinea-se já na famosa fronteira “arte e vida”, onde se efetua uma meia-volta em relação à marcha da modernidade do pré-guerra. A nova palavra de ordem não significa mais assumir, em nome da arte e a favor de uma estética do design e da arquitetura, o domínio sobre a “vida” e impor a ela o grande “estilo”. (BELTING, 2012 p.131)

Nestes anos de profissão fui percebendo a necessidade de mudanças na forma de trabalhar a arte dentro da sala de aula. Atualmente, a arte contemporânea se abriu como possibilidade de ensino e aprendizagem. Esta pesquisa também se mostrou muito importante para a revisão das minhas práticas em sala de aula.

### 1.3 Como se desenvolvem as aulas de arte

As aulas de artes, nesta escola em particular, ocorrem durante todo o período do Ensino Fundamental (anos iniciais e anos finais). Os alunos permanecem comigo (neste caso específico, pois leciono do 2º ao 7º ano) por até seis anos consecutivos. As aulas iniciam-se no 2º ano do Fundamental (anos iniciais) e se estendem até o 9º ano (anos finais). Somos três professoras dividindo estas aulas. Nos três anos do Ensino Médio os conteúdos de arte estão concentrados na compreensão dos estilos artísticos, na teoria e na história da arte que ficam a cargo dos professores de Literatura. Segundo um dos docentes responsáveis pela disciplina (graduados em Letras), as aulas de arte são dadas de acordo com o que estes professores estudaram durante a graduação. A história da arte é componente curricular do curso de Letras. A orientadora educacional do Ensino Médio pontuou sobre atender os preceitos do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) cujas questões sobre arte são elaboradas nos moldes da Literatura. Não vejo um fazer artístico. Neste sentido percebo uma perda importante. A escola não aproveita os professores habilitados, todos graduados e pós-graduados em arte (eu e mais duas), para assumirem estas aulas.

Em uma entrevista à revista *Época* a arte-educadora Ana Mae Barbosa pontua: “A gente continua a discutir as Bases Nacionais Curriculares Comuns, que querem fazer das artes meros subcomponentes do currículo”. A professora, que criou um abaixo assinado contra o texto provisório da Base, disse que, “como está, o documento abre

espaço para uma abordagem superficial das artes e para a não contratação de professores especialistas”.<sup>1</sup>

A estratégia de considerar as Artes SUBcomponentes é SUB-repticiamente intencional com o objetivo de sem ferir a Lei de Diretrizes e Bases, retirar Arte do currículo, ou melhor, não contratar professores de artes, que ficarão atreladas a outras disciplinas. O professor de português ilustrará suas aulas com obras de Arte etc. Por exemplo ao discutir tema, ponto de vista em Literatura, usará a tela "As meninas" de Velásquez. Teremos aí uma excelente aula interdisciplinar, mas não é apenas Arte como Tema transversal que nossos estudantes do ensino fundamental e médio precisam (BARBOSA, 2016, p. 01)

O tempo de aulas é bem curto. As aulas acontecem a cada quinze dias e têm duração de 50 minutos. No Ensino Fundamental (anos iniciais e finais) há um revezamento. Metade do grupo (alunos do 2º, 3º, 4º e 5º anos) composto por 15 crianças, vai para a sala de artes (sala ambiente muito espaçosa, confortável, um privilégio que deveria ser de todas as escolas: imensa, clara, com mesas de quatro lugares e outros recursos. Me sinto muito bem neste espaço e penso que os alunos também. Estes, sentam-se em grupos, de frente para os colegas, conversam durante as aulas, produzem ouvindo músicas de estações de rádio FM (difícil para os professores da disciplina pois são aulas barulhentas). Mas estamos todos ali, vivendo experiências em um espaço que guarda a sua identidade de lugar onde ouvimos, vemos, fazemos e falamos sobre arte), a outra metade encaminha-se para a sala de música juntamente com a professora graduada na disciplina. O mesmo processo se repete com os alunos dos 6º, 7º, 8º e 9º anos, porém a divisão é feita com a professora de ensino religioso. Na semana seguinte invertemos os grupos. Durante o ano temos um total de apenas 20 aulas. Minha carga horária nesta escola compõe-se de nove aulas à tarde, sempre às terças e quartas-feiras para os 2º, 3º, 4º e 5º anos e 3 aulas de manhã, às quartas-feiras para o 6º e 7º anos.

---

<sup>1</sup> BARBOSA, Ana Mae. **A importância do ensino das artes na escola**, São Paulo, Revista Época, (16 de maio de 2016) e Disponível em <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/importancia-do-ensino-das-artes-na-escola.html>. Acesso em 09 de maio de 2019.

Nesse mesmo caminho de reflexão, entendemos que professores são propositores de leituras. A eles recai a responsabilidade do entrelaçamento dos diferentes olhares que os seus alunos podem lançar sobre o mundo, enquanto carregam a si mesmos. Professores de Arte, ou, arte-educadores, foco de nosso artigo, trabalham com a essência da linguagem do desafio, com a filosofia da criação, com a construção humana e com artistas. E cada professor carrega em si a construção de sua própria práxis. Sua história, suas leituras e estudos, suas experiências estéticas, aquilo que lhes marcou positiva ou negativamente. (SERRANO, COSTA, 2017, p. 1591)

Penso que o professor tem um papel muito importante na valorização da disciplina Artes dentro da escola. É um trabalho de conquista. Através da sua prática, do seu comprometimento ele vai aos poucos desmistificando o senso comum dos ‘trabalhinhos’, da ‘aula de bagunça’. Mas vejo que é uma tarefa árdua e morosa. Acredito que esta intervenção artística a que me propus venha a surtir algum resultado quanto a importância e visibilidade da disciplina dentro da instituição escolar na qual trabalho.

## II- DESOBEDECENDO A LINGUAGEM

### 2.1 Livro de artista

No transcorrer do curso de Pós-Graduação em Ensino de Artes Visuais oferecido pela Universidade Federal de Juiz de Fora, criei o Livro de Artista para a disciplina Linguagens Visuais I ministrada pelo professor Fabrício Carvalho. A criação do livro foi inspirada no texto que lemos: *Desobedecer à Linguagem-Educar* de Carlos Skliar (2014). Imediatamente pensei em usá-lo para começar a trabalhar a arte contemporânea com meus alunos de 7º ano de escola particular de Juiz de Fora/MG. O prefácio que escrevi já vislumbrava a intenção:

Interpretar a arte tradicional é relativamente fácil porque é quase descritiva e usa da verossimilhança. E a arte contemporânea, meu Deus! É subjetiva demais. Tarefa das mais complexas. Como apresentá-la para os alunos num contexto de sala de aula? Sem menosprezar o passado, pois precisamos dele para entender o hoje. Não é mais possível numa aula de artes, traçarmos o longo caminho percorrido e estancarmos no modernismo por parecer mais cômodo. Precisamos apresentar as manifestações contemporâneas. Promover uma imersão no processo criativo dos artistas e motivar a criação do aluno. Se experimentarmos esses processos começamos a entender, a interpretar e a propor ideias. A arte é o homem e o homem é a arte. Com este livro pretendo despertar nos alunos do ensino fundamental II uma nova maneira de olhar o mundo que os (nos) cerca; e a arte que nos interpreta. Aventure-se!

“A fala, a leitura e a escrita procedem e advém de certo tipo de experiência de desobediência da linguagem. Se a linguagem não desobedecesse e se não fosse desobedecida não haveria filosofia, nem arte, nem amor, nem silêncio, nem mundo, nem nada”. (Skliar, 2014). Portanto, levar para os grupos participantes desta pesquisa a oportunidade de criar, de refletir e filosofar enquanto cria pode desencadear experiências sensíveis. Este ‘obedecer e desobedecer’ que a arte nos permite, promove um mergulho interior e traz uma liberdade que favorece a expressão. Que se desobedeça à linguagem! A criação do ‘Livro de Artista trouxe para mim um grande prazer, uma percepção criativa, além de muitos conhecimentos. Por isso quis compartilhá-lo.

O livro de Artista, uma narrativa visual, foi composto com desenhos, montagens, fotografias e elementos textuais.

DES  
EDEBO  
CENDO  
À LINGUAGEM

DAYSE HUDSON DE OLIVEIRA LAMAS

JUIZ DE FORA  
2018

**VOAR  
NAS ÁGUAS  
PROFUNDAS  
DO MAR**

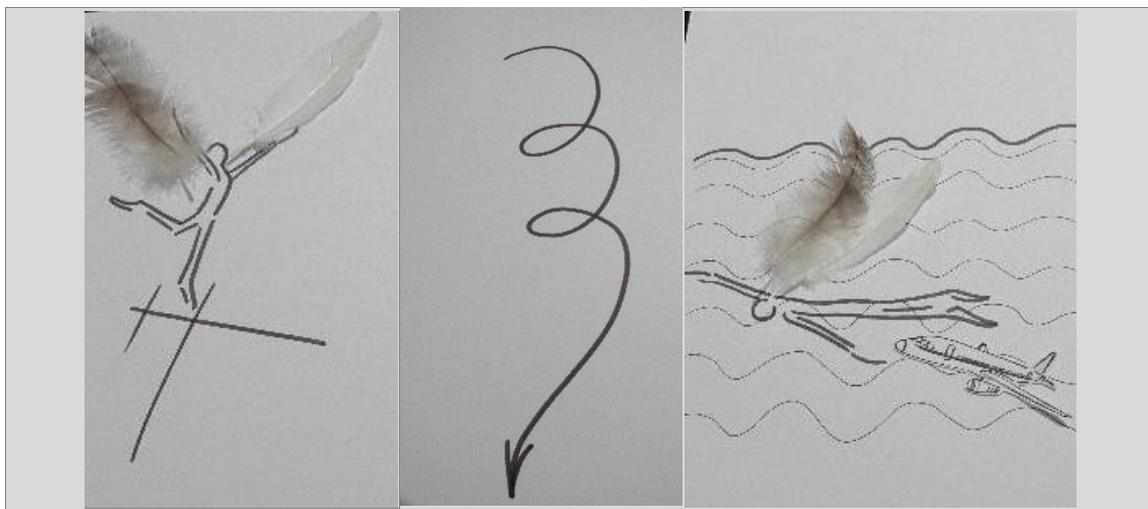


1

2

3

4



5

6

7

### III-A INVESTIGAÇÃO: METODOLOGIA E RESULTADOS

#### 3.1 Pesquisa de campo e metodologia de pesquisa

A primeira fase da pesquisa de campo foi aplicar um questionário manuscrito, com as duas turmas do 7º ano, turno da manhã. Com o grupo de professores fiz as mesmas perguntas, entretanto oralmente e de maneira informal, na hora do recreio. Nesta investigação perguntei: *O que é arte? Para que serve?* A terceira pergunta se relacionou a três imagens que apresentei a eles e que poderão ser visualizadas abaixo: *O que vocês querem dizer sobre as três imagens?*

As imagens são reproduções de pinturas e uma fotografia de sala de exposição de obra contemporânea. Foram tiradas de um livro didático sobre arte chamado Projeto Radix: Arte, 7º e 9º ano.

Propositalmente coloquei uma obra da tradição clássica, outra moderna e a última, uma instalação contemporânea. Quis saber se o grupo manifestaria alguma opinião sobre uma delas ser mais arte do que a outra. Pensei que ao perguntar desta maneira: *‘O que vocês podem dizer sobre as três imagens?’* estaria evitando a indução do pensamento. As respostas seriam mais autênticas. Outra ideia foi investigar as percepções de cada pessoa quanto ao gosto, estilos. A partir das imagens que selecionei abordei a passagem do tempo numa cronologia que neste caso começa na pintura realista, passando pela estilização para chegar na arte contemporânea com a sua linguagem inusitada.

Uma obra de arte se banha na atmosfera de uma época e de uma personalidade. Mas tal atmosfera permanece inalterada através dos séculos? A própria obra não se torna diferente em um mundo diferente? (...) A qualidade artística de uma pintura pode ser discutida em termos de estrita objetividade, porém o seu significado permite diferentes leituras”. (FISCHER,1959 p.160)

As pinturas permanecem vivas, contando histórias e nos sensibilizando. Permitindo as mais diversas leituras, como pude verificar nos depoimentos de alunos e professores no decorrer desta investigação.

Apresentei as três imagens, nesta ordem:



Figura 3-Caravaggio, Ceia em Emaús, , 1600-1601. Óleo sobre tela, 138 cm x 195 cm. Londres (Reino Unido) Galeria Nacional.  
Fonte: Projeto Radix, 7º ano, p. 55



Figura 4- Tarsila do Amaral, São Paulo, 1925. Óleo sobre tela, 67cm x 90 cm. Brasil, Pinacoteca do Estado de São Paulo (SP).  
Fonte: Projeto Radix 9º ano, p. 112

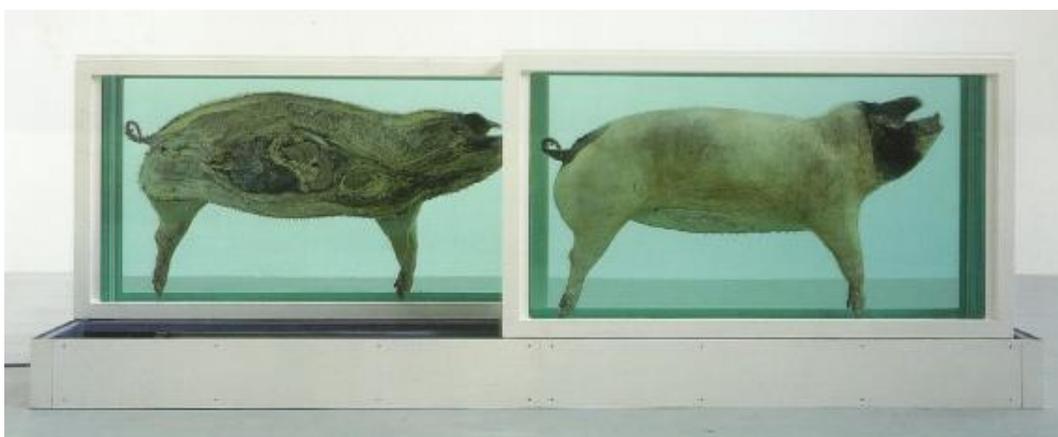


Figura 5-Damien Hirst, Este porquinho foi ao mercado, este porquinho ficou em casa. Exposição Sensation, 1999, Londres, Royal Academy of Art. Fonte: Projeto Radix, 9º ano, p. 142

Nesta fase veio a ideia de saber se o fato de alunos e professores frequentarem exposições, irem a museus, entre outros espaços e/ou lugares teria influência na maneira de manifestar as opiniões. Resolvi passar pelos grupos perguntando se conversavam sobre arte, onde e com quem, se visitavam museus, exposições e outros tipos de espetáculo. Analisando as respostas e a ideia de que a frequência a museus e exposições poderia influenciar o conteúdo das respostas, percebi que o fato de não irem a estes espaços não influenciou as respostas, pois a grande maioria, tanto alunos quanto professores não têm este hábito. Entretanto, verifiquei que os conhecimentos que os alunos adquiriram nesta escola onde dou aulas formaram um bom suporte para as respostas. “A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo” (FISCHER,1959, p.20). Esta investigação demonstrou a importância da disciplina dentro da escola para aproximar o aluno da arte e da história do homem a partir dela.

### 3-2 Respostas do questionário sobre o que é arte (alunos)

Os questionários foram respondidos por escrito, em grupo. Trabalho colaborativo, com cada participante dando a sua resposta. Um componente do grupo de alunos encarregou-se de organizar e escrever as ideias e opiniões.

- “A arte é a interpretação de cada indivíduo sobre o mundo material e imaterial”.
- “É uma forma de se expressar, de expressar sentimentos (...) também de reflexões. Uma forma de representação do cotidiano”.
- “É a sua forma de enxergar a vida e as pessoas ao seu redor”.
- “É uma coisa bela”.
- “É algo inexplicável, algo que poucas pessoas sabem usar para o enriquecimento da imaginação”.
- “Serve para as pessoas poderem expressar aquilo que não é possível por fala ou gestos, é algo abstrato que às vezes é difícil de compreender”.
- “Serve para você se expressar e compartilhar com as pessoas a sua forma de enxergar a vida”.
- “Serve para estimular a criatividade e a imaginação das pessoas, para ser observada, criticada seja positivamente ou negativamente, para que as pessoas reflitam sobre as suas atitudes e pensem em seus atos”.
- “Serve para demonstrar pontos de vista diferentes sobre o mundo”.
- “Serve para expressar sentimento, expressar algo que está dentro de si”.

### 3.3 Respostas do questionário– (Professores- áreas de exatas, língua portuguesa e inglesa, biologia, ensino religioso e pedagogia)

O questionário para o grupo de professores foi feito oralmente. A medida que iam se posicionando e falando sobre suas ideias eu anotava no caderno que separei para anotar os dados da pesquisa.

- “É prazer”.
- “Expressão de sentimentos”.
- “Alegria” (neste ponto iniciou-se uma discussão acirrada. Um participante, que frequenta exposições, museus disse que nem sempre. Quem colocou alegria indagou arte para quem produz (o artista) ou para o espectador?
- “Serve para extravasar sentimentos e para não enlouquecer”.
- “A arte agrega e aproxima pessoas”.
- “É uma recriação simbólica da realidade e uma maneira de traduzir verdades humanas”.
- Em tom de brincadeira um participante colocou que “não serve para nada”. Depois quis dar uma opinião séria. Coloquei que esta brincadeira é importante pois o senso comum acredita nisso, inclusive as instituições.

### 3.4 Resultados da pesquisa

Respondendo ao questionário, no grupo de alunos percebi uma formalidade (cumprimento de tarefas) e, às vezes, um mecanicismo, com definições análogas ao dicionário. Conversando com a orientadora do TCC, Ana Paula Chaves, concordei que estas respostas mecânicas provavelmente devem se relacionar à maneira como foram aplicados os questionários, semelhantes às provas e que provavelmente geraram esta formalidade. Notei também uma dificuldade dos grupos em argumentar sobre as três imagens. Se limitaram às descrições das cenas que acontecem em cada uma delas, como por exemplo na imagem Ceia em Emaús de Caravaggio, quando escrevem: - “*as pessoas estão em volta de uma mesa (...)*”. Realizamos exercícios assim em sala de aula. Talvez por isso falte uma autonomia (penso que ficam esperando a aprovação do professor, se estão certos na maneira de falar sobre o assunto) para escreverem opiniões pessoais mais críticas, comparativas e reflexivas. No entanto, nenhum grupo colocou uma obra como sendo ‘mais arte’ do que a outra. Fato que achei positivo e que endossa a ideia de que, apesar de algumas dificuldades, eu desenvolvo um trabalho de reflexões no campo das

artes. Apresento aos alunos em sala de aula muitas obras de arte da tradição clássica e do modernismo, sendo este último mais utilizado. No entanto trago problematizações a partir da arte contemporânea embora, até então, não ter grandes conhecimentos. Dou oportunidade ao aluno para pensar, entender o velho e o novo, colocar pontos de vista.

E, por fim, as artes clássicas, das quais nos despedimos tantas vezes de maneira solene e definitiva, continuam a existir, por assim dizer, contra todas as expectativas e criam a partir disso precisamente uma nova liberdade e força. Isso não significa que ainda convivemos com as velhas tarefas e possibilidades que certa vez possuiu a modernidade clássica (...). Estamos prestes a ampliar o conceito de modernidade, assim como sempre ampliamos o conceito de arte quando quisemos entender a sua aplicação. (BELTING, 2012 p. 27-28)

Com o grupo de colegas da docência, talvez pela informalidade da hora do recreio, a enquete causou um movimento diferente na sala dos professores. Não se importaram em ceder o momento de descanso para responder ao questionário. Observando as imagens, ao contrário dos alunos que priorizaram uma descrição, permaneceram no gosto/não gosto. Neste ponto, interfeiri pedindo uma posição mais crítica. O participante da área de matemática disse que a geometrização, a ordenação e organização dos elementos no espaço na obra de Tarsila do Amaral, traz conforto. A professora de Ensino Religioso apontou para o realismo da obra de Caravaggio que nos coloca dentro da pintura, fazendo você viver aquela emoção. Também comentou que as três imagens “desinstalam” e nos provocam. Perguntei qual o sentido de ‘desinstalar’. Ela comentou sobre “sair de um engessamento, abrir possibilidades pois tira suas certezas e verdades”. Essa professora usa referências do campo das artes para desenvolver as aulas de Ensino Religioso.

Praticamente todos acharam a obra do artista britânico Damien Hirst repugnante. Alguém completou que “arte é para contemplação, para proporcionar prazer”. Interfeiri perguntando se mesmo assim a arte de Hirst não provocou uma reflexão. Todos concordaram que sim. Envolver o grupo de professores ampliou a visibilidade da disciplina dentro da escola.

A partir das questões disparadas pelo TCC pretendo continuar a investigação e a intervenção envolvendo outros grupos da instituição: diretores, funcionários da manutenção, entre outros.

Ao procurarmos um cruzamento entre arte e educação, não se trata de alinharmos estas duas instâncias em direção a fins, mas diferentemente, estabelecê-las como descortinadoras das faculdades humanas. (...) na contramão do conceito, do saber, da racionalidade está o campo dos sentidos, o cenário das múltiplas possibilidades que aparecem no conjunto das experiências. É urgente retornar ao terreno das experimentações humanas.”. (LOPES, 2015, p.125)

Conversando informalmente com os grupos de alunos perguntei se visitam museus, frequentam exposições de arte, se conversam sobre arte e com quem. Neste último item praticamente todos citaram a escola. Com os amigos conversam sobre cinema, que frequentam regularmente. Quanto aos museus e exposições vão raramente, alguns apenas quando viajam. A internet aparece em algumas falas como fonte de conhecimento. Todos citaram visitas ao Museu Mariano Procópio, do período Imperial localizado praticamente na região central da cidade de Juiz de Fora.

A história do museu está ligada ao surgimento da Estrada União Indústria, que une Juiz de Fora a Petrópolis. Mariano Procópio, engenheiro e responsável pela estrada, mandou construir a Villa Ferreira Lage para abrigar Dom Pedro II, que inauguraria a rota. Para a construção Mariano escolheu um terreno situado no coração da nova localidade que fizera surgir, defronte ao hotel que atenderia os usuários da União e Indústria. Como a construção não ficou pronta a tempo, ele <sup>2</sup>teve de hospedar a família imperial em sua própria residência. Somente em sua segunda visita à cidade em 1869 o imperador pôde conhecer a Villa.

Uma aluna disse que em viagens ao exterior visita, em média, três museus por dia, os nacionais são preteridos. Outro aluno disse que a mãe, jornalista, acha importante levá-lo aos museus, mas confessou que não gosta muito. Os museus imperiais citados evocam mais o passado, dizem respeito à nossa própria história e são compostos por um acervo de objetos, cujas imagens são representadas nos livros de História do Brasil. Por outro lado, no Museu Imperial de Petrópolis no Rio de Janeiro, as pantufas são mais marcantes do que as próprias obras de arte, embora se encantem pelos objetos, pela coroa, pelos mantos.

Poucos alunos foram a Inhotim o extraordinário museu/parque botânico situado em Brumadinho, MG onde a arte contemporânea se expõe, em alguns casos, a céu aberto, de forma monumental. Um dos mais conceituados do mundo. Entretanto alvo de muitas

---

<sup>2</sup> Disponível em ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu\\_Mariano\\_Proc%C3%B3pio](https://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_Mariano_Proc%C3%B3pio)) Acesso em 20/05/2019

controvérsias relativas à degradação do meio ambiente pela mineração e à história do lugar e seus moradores.

Em especial, interessa-nos as relações do Museu com a extinta Comunidade do Inhotim. O exame histórico intenta mostrar que há uma apropriação e um silenciamento simbólicos que são inerentes à própria constituição do Museu e, como tais, são componentes de uma violência simbólica que se expressa na forma de encobrimento, deslocamento/transfiguração<sup>5</sup> de significantes históricos e representativos e, finalmente, na entronização de memórias. Em última instância, trata-se de elementos que, mesmo quando não percebidos ou simplesmente denegados, constituem o cerne da relação entre o Museu e sua história. (BORGES, 2015)

Convém ressaltar, que Inhotim situa-se muito perto do lugar onde moramos, em Juiz de Fora. Um aluno citou os museus de cera e uma aluna disse que não frequenta nenhum, inclusive nunca foi ao museu que temos dentro da própria escola (história natural e homem americano). Quando questionei sobre não o frequentar e do porquê de não o visitar dentro da escola, ela disse que deve ter faltado a aula do dia em que a turma toda foi fazer uma visita.

No grupo de professores apenas uma disse que frequenta regularmente, leva os filhos; estes gostam muito do passeio e também conversam sobre arte. Os outros pesquisados disseram que vão quando podem, conversam as vezes com amigos. Uma professora disse que infelizmente não tem isto como hábito.

A partir dos questionários e da conversa informal, constato que: os alunos e professores desta escola particular, que no meu entender representam uma parcela da população de Juiz de Fora, que possui recursos para usufruir da programação cultural mais facilmente, não frequentam os espaços e promoções culturais da cidade. E também de fora dela. Portanto, concluo que a escola tem um papel importante para a formação de público pois como foi dito, todos conversam sobre arte especificamente na escola.

Percebi como o Museu Mariano Procópio tem um lugar afetivo no coração dos juiz-foranos. Todos os alunos disseram que, ao menos alguma vez, o visitaram. Entretanto este museu ainda se encontra com obras de restauração paralisadas, possui pouco investimento e boa parte do seu acervo não tem sido exposto ao público.

Quando o assunto é arte, falta vontade e políticas públicas. E isso se reflete nos depoimentos onde a grande maioria não se interessa em buscar pela arte e suas manifestações nestes ambientes, como pudemos constatar.

### 3.5 O registro fotográfico da investigação

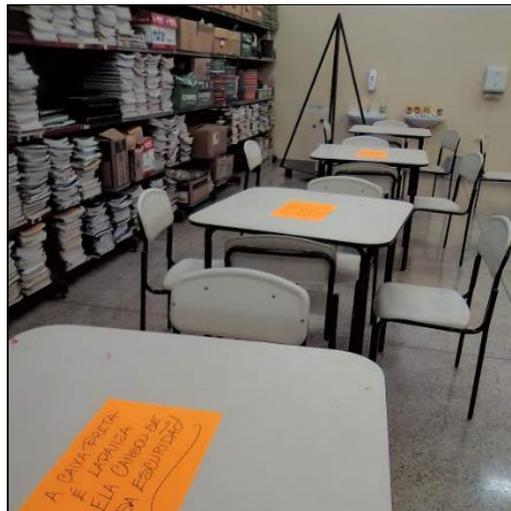


Figura 6- Interior da sala ambiente de Artes preparada para sensibilizar os alunos-SENTIR- Foto: Dayse Lamas



Figura 7- Alunos em momento de apreciação e análise de imagens-PENSAR-Foto: Dayse Lamas

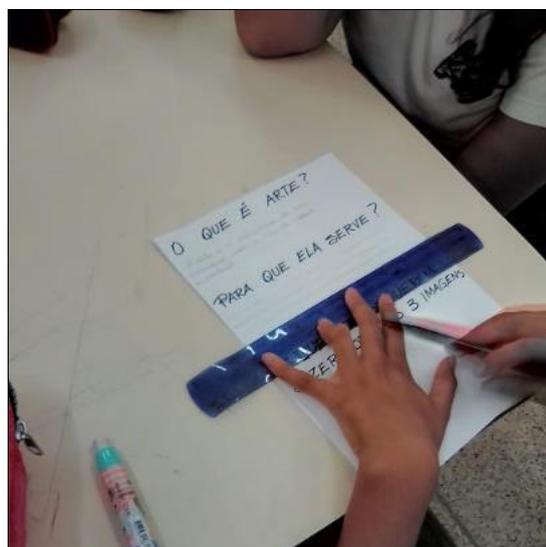


Figura 8-Alunos respondendo aos questionários-AGIR- Foto: Dayse Lamas

## IV-A CAIXA-PRETA, A SENSIBILIDADE, A POÉTICA

### 4.1 A caixa-preta é laranja (simbologias, metáforas)



Figura 9-objeto criado por mim fazendo alusão à caixa-preta dos aviões Foto: Dayse Lamas

A caixa preta segundo o site da *Wikipédia* traz como significado:

um sistema fechado, de complexidade potencialmente alta. Uma unidade de memória de voo inventada nos anos de 1950 pelo inglês David Warren. Inicialmente preta hoje apresenta-se alaranjada por ser mais fácil encontra-la em caso de acidentes. É um instrumento de uso universal.<sup>3</sup>

A ideia da caixa-preta foi inspirada na poética de Manuel de Barros, poeta mato-grossense. Acrescentei nos títulos a seguir as frases que definem caixa-preta, e que, metaforicamente, podem representar a criação (complexidade potencialmente alta), a vida escolar (unidade de memória de voo) e a arte (universal). A minha caixa-preta foi criada pela necessidade de pensar uma maneira de utilizar o Livro de Artista para uma intervenção artística em sala de aula com os alunos, e na sala dos professores com os colegas. Queria usar os elementos visuais contidos no livro para provocar o pensamento deste grupo de pessoas envolvidas na pesquisa. A partir deste tema, espalhei pela sala de aula frases escritas sobre folha alaranjada: A caixa-preta é laranja! Ela cansou-se da escuridão. Poucos alunos se sensibilizaram diante da frase. Um deles disse algo sobre a vida: alguém triste que resolveu ser feliz. Aconselhada pela minha tutora Ana Paula Chaves substituí o texto, reduzindo-o apenas para: A caixa preta é laranja! Desta nova maneira apresentei para o grupo de professores. Pude observar uma mudança que

<sup>3</sup> Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Caixa\\_preta\\_\(teoria\\_dos\\_sistemas\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caixa_preta_(teoria_dos_sistemas)) Acesso em (colocar dia mês e ano)

provocou muito mais *insights* e conseqüentemente ideias originais. Da forma como apresentei antes estava induzindo o pensamento.

Para a provocação de sinapses e situações de aprendizagem pensei em como os elementos visuais presentes no meu ‘Livro de Artista’ poderiam ganhar outros significados nas mãos de um grupo de alunos e professores.

Queria saber como o processo de criação poderia favorecer a aprendizagem. Ao mesmo tempo trazer para as pessoas uma nova maneira de perceber a arte e assim dar-lhe novos sentidos, inclusive como disciplina nos currículos escolares.

Abaixo, o interior da caixa-preta com os objetos que escolhi para representar cada um dos elementos visuais que compõem o meu ‘Livro de Artista’.



Figura 10-interior da caixa-preta com os elementos do Livro de Artista Foto: Dayse Lamas

Antes de entregar a caixa ao grupo perguntei sobre qual tema gostariam de se expressar através da arte: no âmbito pessoal, no que interfere na vida em sociedade, no que incomoda ou traz deleite.

Montei um conjunto de cinco caixas pretas com os seguintes elementos no seu interior: um avião de plástico, um prato de papelão metalizado, uma faca e um garfo, ambos de plástico, cordão, penas de aves, boneca tingida de preto representando o ser humano, varetas, porcas e parafusos, seta, pincel atômico, ganchos.

Lembrando que todos esses elementos aparecem desenhados ou fotografados no Livro de Artista, exceto o pincel atômico, inserido para facilitar as interpretações através de desenhos e escrita.

#### 4.2 Temas-Professores.

A escolha dos temas neste grupo, num primeiro momento, foi individual. Depois de todos terem feito suas opções elegeram, em conjunto, o tema que julgaram mais importante desenvolver no momento.

- Tolerância
- Paz
- Amor (empatia, carinho, cuidado)
- Viagem
- Família
- Superação- luta/transformação/coragem

#### 4.3 Alunos

Neste item, os alunos em grupos de quatro componentes, pensaram juntos e anotaram num papel o tema de preferência. Posteriormente escrevi os assuntos no caderno de pesquisa.

- Poluição
- Comida
- Violência
- Amor
- Pichação
- Desigualdade social
- Depressão
- Alegria

#### 4.4 Memória de Voo-A produção artística de alunos e professores

Todos os grupos receberam as caixas-pretas fechadas com os seus conteúdos especificados acima. Para iniciarem as composições deveriam esperar uma contagem de tempo (3, 2, 1, 0). A intenção era que todos abrissem a caixa ao mesmo tempo, para que fossem surpreendidos.



Figura 11-Momento de abertura da caixa-preta. Foto: Dayse Lamas

Feita a escolha dos temas, sobre uma cartolina branca fizeram composições onde todos os objetos teriam de ser usados, como um desafio, não podendo sobrar nenhum. Cada obra foi registrada fotograficamente e desmontada ao final. Os elementos voltaram para a caixa, pois assim a intervenção poderia continuar acontecendo. Outra condição desafiadora foi que em todos os trabalhos deveria constar frases ou palavras, aguçando a poética que foi surgindo à medida em que compunham.

O grupo de professores (elegeram a palavra tolerância), acostumados a trabalhar sob pressão e exigência de soluções rápidas, impressionou pela agilidade, rapidez de pensamento e execução. Fizeram a composição em quinze minutos. Extremamente empolgados quiseram que enviasse fotos e explicações sobre o trabalho. Os alunos também ficaram bastante motivados, onde pude observar que o aspecto lúdico colaborou para a empreitada.

Apenas dois grupos de alunos não conseguiram resolver a questão: o tema escolhido foi pichação e viagem. Poucos alunos viram nos objetos só uma brincadeira. Quanto aos professores, acharam divertido, mas sério. Se expressaram de maneira fantástica, dando significados importantes aos objetos. Garfo e faca por exemplo, transformou-se em cruz. Quanto ao ‘pensar’ trouxeram as implicações referentes à uma crucificação. Situações diversas foram aparecendo: o grupo que elegeu comida pensou em canibalismo. Me perguntaram se era proibido e disse que dependia da cultura, citei algumas tribos indígenas. Uma provocação para as aulas de história, para a abordagem da

Semana de Arte Moderna de 1922 e a antropofagia, não é mesmo? Outro grupo se sentiu envergonhado de dizer depressão (ainda um tabu). Um aluno deu ao gancho de aço a mesma função que dei no meu livro do artista, ou seja, um anzol, e ficou brincando com ele por um tempo.

#### 4.5 Complexidade Potencialmente alta - O registro fotográfico das criações-composições (alunos e professores)



Figura 12-Professores em ação, criando. Foto: Dayse Lamas

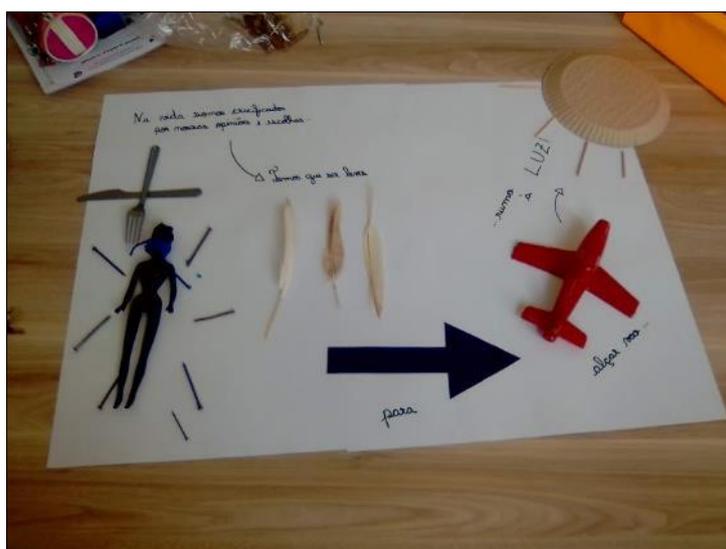


Figura 13- Composição do grupo de professores: "Na vida somos crucificados por nossas ações e escolhas. Temos que ser leves para alcançar voos rumo à luz!" Foto: Professora Patrícia Oliveira Costa



Figura 14- Detalhe de composição de alunos Foto: Dayse Lamas

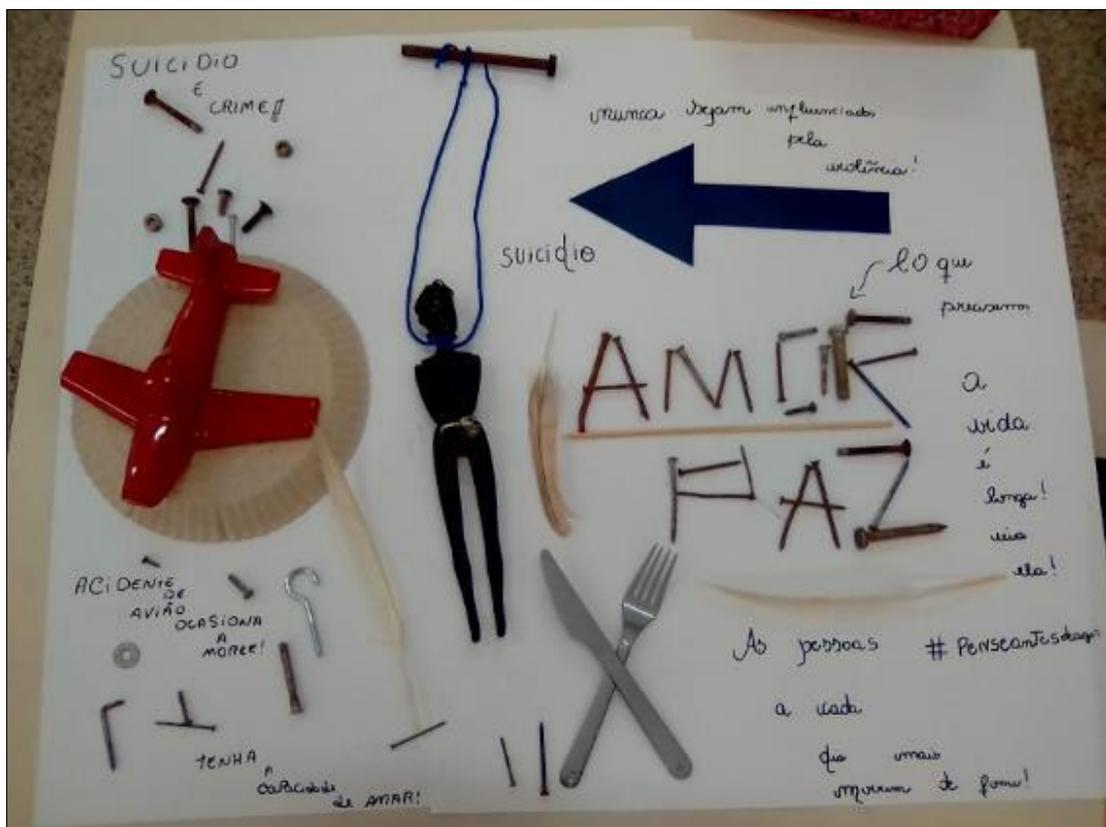


Figura 15- composição de alunos- " Nunca sejam influenciados pela violência. Tenha a capacidade de amar. Suicídio é crime, #pense antes de agir. As pessoas a cada dia morrem de fome. A vida é longa! Viva ela! Amor e paz é o que precisamos". Foto: Dayse Lamas



Figura 16- Composição de alunos: "Até um pássaro me contou que você também me amava...fiquei doida por você, com um parafuso a menos. Quando te vi meus pensamentos voaram, fiquei até sem fome". Foto: Dayse Lamas



Figura 17- Composição de alunos: " Depressão- a pessoa fica para baixo, não trabalham nem estudam, não comem, não fazem atividades prazerosas, se matam!" Foto: Dayse Lamas

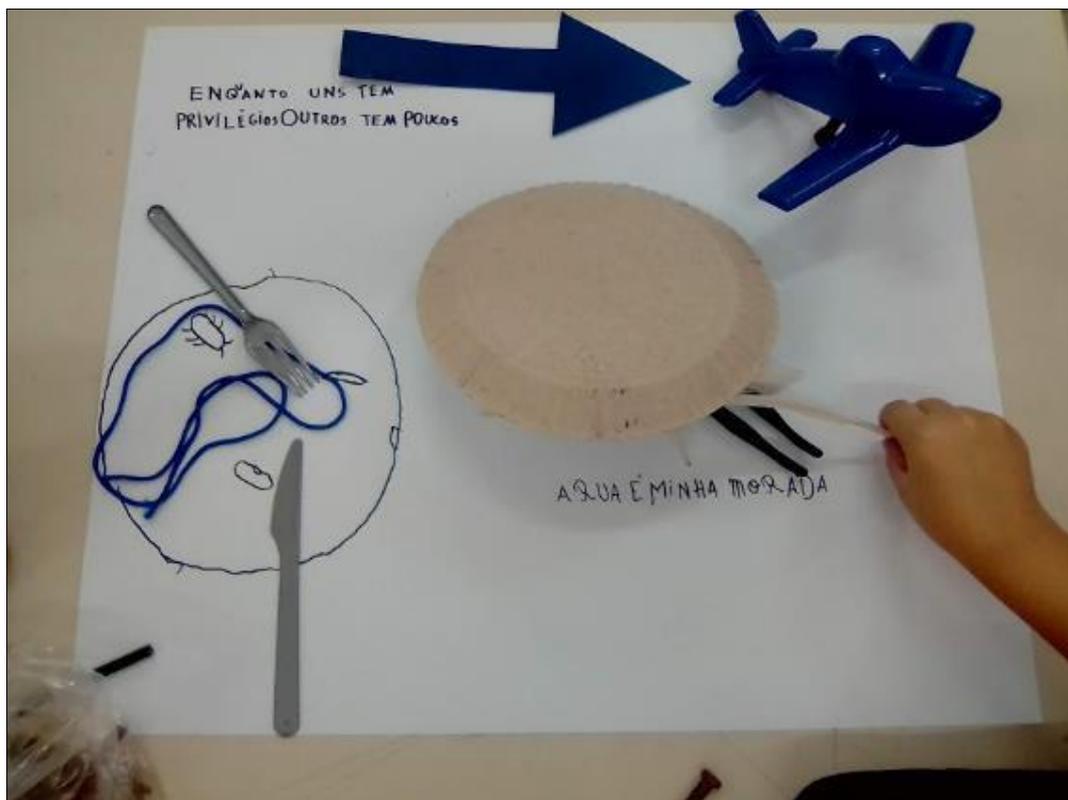


Figura 18- Composição de alunos: Enquanto uns têm privilégios outros tem pouco. A rua é minha morada." Foto: Dayse Lamas

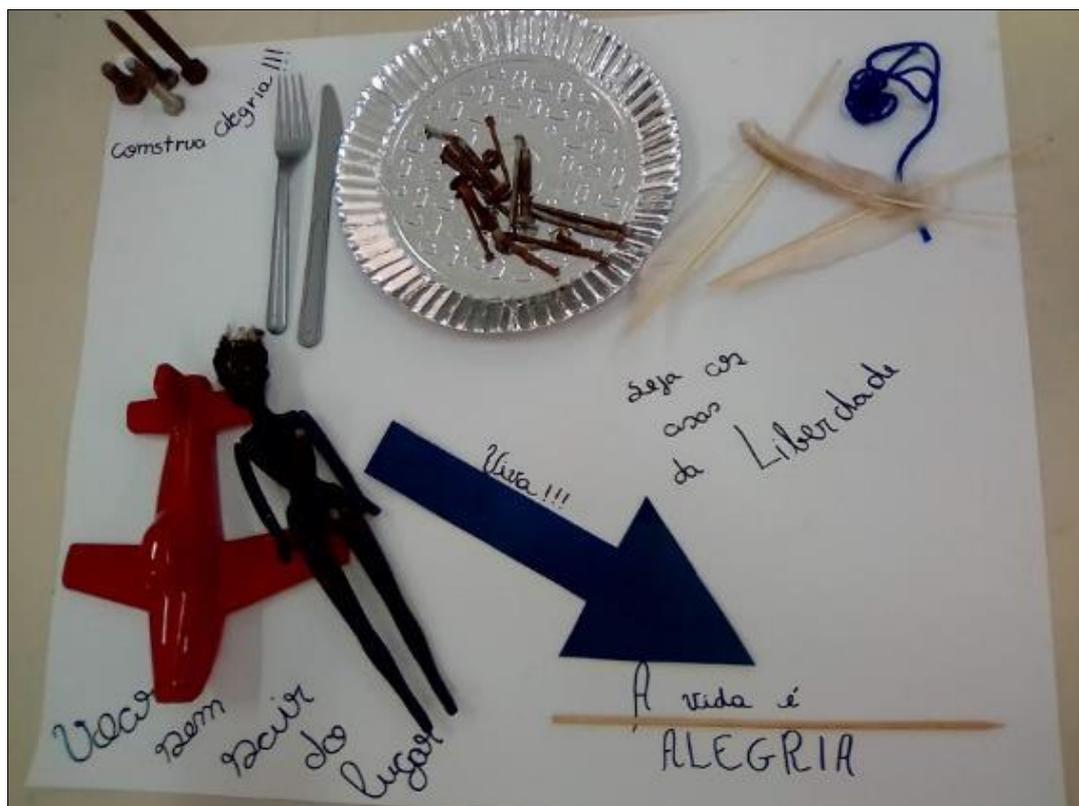


Figura 19- Composição de alunos: "Construa alegria!!! Viva!!! Seja as asas da liberdade. A vida é alegria, voar sem sair do lugar"  
Foto: Dayse Lamas



Figura 20- Composição de alunos: "Depois de um acidente com avião morrem 10 pessoas. Sobraram 5. Os 5 restantes passaram fome e comeram os mortos. Não mate pessoas por fome! Canibalismo não! Foto: Dayse Lamas

## V-ALUNOS, PROFESSORES E O LIVRO DE ARTISTA

### 5.1 Livro de Artista – apresentação e leitura para os grupos de alunos e professores



Figura 21- Apresentação do 'livro de Artista'      Figura 22- Alunos durante a apresentação do livro de artista  
Foto: Dayse Lamas

Apresentei aos grupos envolvidos nesta pesquisa, o Livro de Artista de minha autoria, que motivou a ideia da Intervenção Caixa-Preta. Em cópia ampliada colorida, papéis de formato A3 coloquei em exposição na sala de aula. Para os professores encadernei cópia colorida no formato A4. Iniciei a apresentação com grupo de colegas, novamente no horário do recreio na sala dos professores. Não sei se usei uma estratégia de acordo com o que intencionava. Os componentes do grupo não entenderam o livro como uma história em sequência. Olhavam as imagens de forma individual e tentavam dizer o que cada uma significava. Interessante esta potencialidade inesperada! Não fizeram uma leitura linear. Não tinha pensado assim. Cada imagem pode disparar uma nova reflexão. Novamente vieram os contextos pessoais. A professora de biologia viu no estômago cheio de porcas e parafusos uma relação com a poluição e morte de animais marinhos. Para os outros professores: “Igual a um filme que você assiste várias vezes dependendo do momento você interpreta de um jeito”, “cada elemento é uma simbologia. Ampliam caminhos”, “Cada imagem traz um contexto atrelado à vivência da pessoa”.

Mudei um pouco a estratégia com o grupo de alunos. Coloquei as pranchas com as reproduções das imagens do Livro de Artista sobre o cavalete e fui passando a

sequência. Perguntei o que viram de comum entre o livro e os elementos da caixa preta e eles disseram que eram os mesmos. Voltei ao título: ‘Desedebocendo’ (À desconstrução da palavra foi proposital no momento da criação, uma brincadeira literal com o sentido de desobediência) linguagem-Voar nas águas Profundas do Mar, e perguntei o que achavam de desobedecer a linguagem. Todos acharam que é um absurdo, que não há entendimento. Não conseguiram desfocar do jeito ‘desconstruído’ de escrever o título. Penso que tal atitude se deve ao fato de estarem num período de aprendizagem de normas e regras da língua portuguesa, portanto não conseguiram se desvencilhar dessa ideia de escrever de outra forma. A ponto de, talvez, não prestarem atenção na *desobediência de pescar um avião*, por exemplo. Quando fui explicando e dizendo que ao criar o livro adorei desobedecer a linguagem eles foram entendendo o sentido desta desobediência. Para usar o livro novamente penso em alterar o título. Ao invés de ‘Desedebocendo’ escrever Desobedecendo. Dependendo de a qual público vou me dirigir.

## VI- A ARTE QUE NOS INTERPRETA

### 6.1 Universal- O que dizemos de nós, da vida (conhecimentos, autoconhecimento) através da criação artística

Uma infinidade de possibilidades se descortinou com a abertura da caixa-preta: diversidade de pensamentos; nem de perto uma composição se assemelhou a outra em subjetividade apesar de os elementos serem os mesmos para todos no momento de criar. Este trabalho proporcionou aos participantes momentos lúdicos que favoreceram a criação. Promoveu reflexões. “Explorar ideias, questões e temas artisticamente originais maneiras de produzir significado, pessoal e coletivamente”. (IRWIN, 2004, p.29).

Perguntei informalmente ao grupo de alunos o que acharam do processo de criar a partir da caixa-preta. Em todos os depoimentos surgiu o ato de PENSAR. Me surpreendi ao verificar que nas respostas iniciais sobre o que é arte esta ideia não apareceu. E eles estavam produzindo ‘a partir da’ e com arte. Disseram: “Foi difícil pôr em prática”; “Não sabemos como surgiu a ideia. Queríamos discutir o machismo. Começamos pensando na boneca”; “Foi difícil, os elementos eram muito diferentes do nosso tema. A gente olha e vai pensando como encaixar. No fim não discriminamos nenhuma ideia”; “Trabalhar em grupo foi legal e socializa. Mas foi difícil encontrar um tema”; “Pensar vendo coisas novas. Transformar coisas, decidir. Com imaginação cria coisas novas”; “Abrir a caixa preta foi uma surpresa. Imaginamos, tentamos. No começo não deu certo. Trabalhar junto ajudou”.

Constato que a arte contemporânea aplicada à educação traz este viés de provocação do pensar, filosofar. Desloca o aluno da passividade. Ao mesmo tempo reforça a nossa ‘humanidade’ quando tratamos de assuntos como morte, vida, amor, dor, alegria, entre outros. Para além disso, acredito que ações semelhantes possam facilitar a aprendizagem de assuntos ligados à área de exatas, a temas comuns da história geral como guerras, feudalismo, temas da biologia, entre tantos outros. Percebo que proporcionei ao grupo de pessoas envolvidas a possibilidade de uma experiência.

Fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança: que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Fazer uma experiência quer dizer (...) deixarmos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos assim ser transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (HEIDEGGER, apud LAROSSA, 2002, p. 25)

Minha prática docente a partir dos estudos recentes na Pós-Graduação, do envolvimento nesta pesquisa e dos resultados obtidos a partir dela, transformou-se e ganhou vitalidade e renovação. As novas tecnologias da informação agilizam a pesquisa. Os contatos são imediatos através das redes sociais, a digitalização das fotos é rápida e o acesso aos referenciais teóricos se dá em um curto espaço de tempo, contribuindo para a qualidade do trabalho. Em homenagem à tutora/orientadora Ana Paula Chaves Mello: - “Sigamos”.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Ana Mae. **Revista Época**, Rio de Janeiro, Globo Editora, 2016

BEÁ, Meira. **Projeto Radix: 7º e 9º anos**. São Paulo: Scipione. 2009

BELTING, Hans. **O Fim da História da Arte**. Editora Cosac Naif, 2012, 448 p.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Disponível em: [https://ead.ufjf.br/pluginfile.php/931775/mod\\_resource/content/2/notas%20sobre%20experi%C3%Aancia%20-%20Jorge%20Larrosa.pdf](https://ead.ufjf.br/pluginfile.php/931775/mod_resource/content/2/notas%20sobre%20experi%C3%Aancia%20-%20Jorge%20Larrosa.pdf) Acesso em 20/04/2019

BORGES, Luiz Carlos. **“O Inhotim que o outro Inhotim engoliu”:** museu, silêncio e transfiguração de memórias. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/2734/1202> Acesso em 06/05/2019

FISCHER, Ernst. **A Necessidade da Arte. Rio de Janeiro:** Editora Jorge Zahar, 1979. 254 p.

GALLEGOS, Cristián G. et al. **Possibilidades do Impossível**. Porto Alegre: Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul. 2015. 504 p. Disponível em: [http://docs.wixstatic.com/ugd/2468f7\\_013485f9d66a4f8cb339ce23576bd1fe.pdf](http://docs.wixstatic.com/ugd/2468f7_013485f9d66a4f8cb339ce23576bd1fe.pdf) Acesso em 28/04/2019

SERRANO, Patrícia G., COSTA, Tarcila L. **Diáspora: Memórias Trançadas da professora/artista**. Campinas, 2017, 591 p. Disponível em: <http://www.anpap.org.br/encontros/anais/> Acesso em 03/05/2019